

# Macbeth e o livre-arbítrio: por que não devemos ouvir as profecias

**Autor(a):** Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy

**Publicado em:** 06 de maio de 2018

**Publicação:** conjur\_import

**Link JurisTube:** <https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/macbeth-e-o-livre-arbitrio-o-por-que-nao-devemos-ouvir-as-profecias>

**Fonte original:**

<https://conjur.com.br/2018-mai-06/embargos-culturais-macbeth-livre-arbitrio-nao-devemos-ouvir-profecias>

**Identificador citável:** [juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/macbeth-e-o-livre-arbitrio-o-por-que-nao-devemos-ouvir-as-profecias#ep-9addebd0](https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/macbeth-e-o-livre-arbitrio-o-por-que-nao-devemos-ouvir-as-profecias#ep-9addebd0)

## Resumo

*SpaccaMacbeth é tragédia de William Shakespeare que data provavelmente de 1606. É uma peça maldita, lembrada por muitas superstições, e recorrentemente adaptada para o cinema. No teatro, algumas representações de Macbeth foram marcadas por acidentes e apreensões. Há notícias de a*

## Texto integral

Macbeth é tragédia de William Shakespeare que data provavelmente de 1606. É uma peça maldita, lembrada por muitas superstições, e recorrentemente adaptada para o cinema. No teatro, algumas representações de Macbeth foram marcadas por acidentes e apreensões. Há notícias de assassinatos ocorridos em palcos, cenários que despencaram, incêndios mal explicados. Macbeth é um problema real no contexto das tragédias de Shakespeare, especialmente para aqueles que as representaram no palco. Os temas centrais desta tragédia são a ambição, a luta entre o bem e o mal, a degeneração do caráter, a punição do pecado. Macbeth nos mostra o preço devastador que se paga quando a ambição pelo poder é seguida com obsessão. A tragédia também trata da certeza da punição, percepção que se encontra na estrutura moral do teatro elisabetano. É a história de um ousado usurpador que cometeu uma série de assassinatos com vistas a tomar o poder. Trata-se de um “ serial killer ” do era renascentista. Essa perturbadora peça sugere muitas reflexões. Suscita inclusive uma abordagem psicanalítica. Sigmund Freud valeu-se da trama de Macbeth para tentar explicar o que denominava de ruína do êxito. Trata-se de patologia relativamente comum. Acomete àqueles que se angustiam e se deprimem justamente no momento em que conquistam o que tanto sonharam e pelo que muito lutaram. É o que ocorreu com a esposa de Macbeth assim que soube que seu marido assassinou o rei, e que se tornou rei. Macbeth , é também, e talvez principalmente, um estudo sobre a natureza do mal. O personagem central, Macbeth, é corajoso e interesseiro, tem consciência das consequências de seus crimes; não passa de um usurpador sanguinário. Inicialmente era leal ao rei, seu primo; porém, transforma-se. Sua esposa parece ser má e inescrupulosa. Exerce grande poder sobre o marido. Ela não consegue prever as consequências de seus atos e ao longo da peça vai tomando consciência de suas atitudes. Enlouqueceu e se suicidou. Duncan é o idoso rei da Escócia. Bom, feliz, entusiasmado com Macbeth, jamais suspeitou da traição que o esperava. A cupidez de Macbeth foi despertada e aumentou na medida em que percebia que uma profecia feita pelas bruxas, de que seria rei, poderia ser realizada. Hesitando,

porém sucumbindo à tentação, Macbeth permite-nos reflexão sobre as ambiguidades do bem e do mal e sobre uma questão que nos atormenta: vivemos de acordo com nossas escolhas ou somos dirigidos pelo destino? A peça se encerra com o triunfo do bem sobre o mal, do titular da coroa sobre o usurpador, do honesto sobre o ambicioso. E nos revela um assassino cruel, um homicida compulsivo. Culpado? Porém, ele escolheu seus caminhos? A tipologia que marca Macbeth é comum nas constatações criminológicas. Basicamente, tem-se um indivíduo cuja propensão para delinquir é latente. A chance acelera o processo, ainda que num primeiro momento o futuro delinquente resista. Vale para todos os tipos de crimes. O indivíduo hesita, pretende mudar de ideia, porém se deixa convencer. Mas não se aceita. Arrepende-se. Deixa-se tomar pelo remorso. Assusta-se. Tem alucinações. Porém, como condição de sobrevivência, deve agir novamente. E o faz. O instinto de Eros sublima a tendência de Tânatos, a paixão pela vida suplanta a curiosidade para com a morte, nos termos de uma formulação aparentemente freudiana. E a cada novo erro, com o qual procura encobrir um erro anterior, o criminoso se perpétua como tal. Perde a razão. Torna-se refém de um passado do qual não se livra. Seu fim é a vingança alheia, a quem tanto sofrimento causou. É este o roteiro existencial de Macbeth . Metaforicamente vencido por Nêmesis, a deusa da vingança, Macbeth jamais conheceu a face de Têmis, a personificação da justiça, da qual era a deusa, e que jamais conheceu. E porque Macbeth agiu influenciado pela profecia das bruxas, resta saber se o livre arbítrio poderia ser razão suficiente para enfrentarmos as facilidades vãs com as quais as bruxas nos acenam, ainda que saibamos que a vida é luta, e não profecia. Ou se Macbeth resta imune a todo o mal que fez, justamente porque as bruxas ouviu...

## Como citar este documento

As citações abaixo seguem os padrões ABNT NBR 6023:2018, APA 7ª edição, Chicago Author-Date (17ª ed.) e BibTeX (LaTeX). Copie o formato exigido pelo periódico ou gerenciador bibliográfico (Zotero, Mendeley, EndNote).

### ABNT (NBR 6023:2018)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Macbeth e o livre-arbítrio: por que não devemos ouvir as profecias. *conjur\_import*, 6 maio 2018. Disponível em: <https://conjur.com.br/2018-mai-06/embargos-culturais-macbeth-livre-arbitrio-nao-devemos-ouvir-profecias>. Acesso via: JurisTube — Acervo Digital de Direito. Disponível em: <https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/macbeth-e-o-livre-arbitrio-por-que-nao-devemos-ouvir-as-profecias>. Acesso em: 30 set. 2026.

### APA 7ª edição

Godoy, A. S. D. M. (2018, May 6). Macbeth e o livre-arbítrio: por que não devemos ouvir as profecias. *\*conjur\_import\**. <https://conjur.com.br/2018-mai-06/embargos-culturais-macbeth-livre-arbitrio-nao-devemos-ouvir-profecias>

### Chicago Author-Date (17ª ed.)

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. 2018. "Macbeth e o livre-arbítrio: por que não devemos ouvir as profecias." *\*conjur\_import\**, May 06. <https://conjur.com.br/2018-mai-06/embargos-culturais-macbeth-livre-arbitrio-nao-devemos-ouvir-profecias>

### BibTeX

```
@article{arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy-macbeth-e-o-livre-arbitrio-por-que-nao-devemos-ouvir-profecias,
  author = {Godoy, Arnaldo Sampaio de Moraes},
  title = {Macbeth e o livre-arbítrio: por que não devemos ouvir as profecias},
  journal = {conjur_import},
  year = {2018},
  url = {https://conjur.com.br/2018-mai-06/embargos-culturais-macbeth-livre-arbitrio-nao-devemos-ouvir-profecias},
  urldate = {2018-05-06}
}
```



#### Licença de Uso — CC BY-NC-SA 4.0

Este conteúdo está licenciado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhado 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). O uso para fins acadêmicos e educacionais é permitido, desde que citada a fonte original (JurisTube) conforme as normas técnicas indicadas neste documento.

*Termos completos:*  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br>

JurisTube — Acervo Digital de Direito

<https://juristube.com.br/colunistas/arnaldo-sampaio-de-moraes-godoy/macbeth-e-o-livre-arbitrio-por-que-nao-devemos-ouvir-as-profecias>

PDF gerado em 2026-09-30 21:32 UTC